

Jornalista, escritor, doutor em sociologia, historiador e professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS

## Como sofrem as democracias!



Juremir Machado da Silva

Há homens tão bons de frases que se atribui a eles todas as boas tiradas que andam por aí. O primeiro-ministro inglês Winston Churchill é um deles. Diz-se que foi ele quem melhor definiu democracia: “A pior forma de governo, com exceção de todas as outras”. Há quem jure que já se inventou algo melhor. Porém, ainda não se praticou nada que possa ser considerado “menos pior”. A força da democracia está na sua “fraqueza”, que, para não fugir da moda, pode ser chamada de resiliência. O problema da democracia para a direita é que ela não autoriza uma “boa” ditadura. Já a esquerda não tolera o fato de a democracia moderna pertencer ao chamado “pacote liberal”: tolerância, pluralismo, liberdade de expressão e imprensa, regime do contraditório, liberdade de ir e vir, convivência entre diferentes.

A democracia incomoda muita gente. A história incomoda muito mais. Francis Fukuyama, na época da queda do Muro de Berlim e do desabamento do império soviético, anunciou o “fim da história”. O liberalismo não encontraria mais adversários à sua altura. A humanidade viveria para sempre na tranquilidade de uma democracia representativa, que marxistas rotulam de burguesa. O filósofo francês Jean Baudrillard preferiu falar em “greve de acontecimentos”, que só seria interrompida pelos atentados de 11 de setembro de 2001. Nesses 30 anos que se passaram até os conturbados dias atuais, o mundo aprendeu algumas coisas relevantes: a história não tem fim, nada está garantido, pode-se avançar ou dar saltos para trás, o progresso não é uma linha reta rumo à estação Finlândia, as democracias sofrem.

Nos tempos mais recentes as democracias têm sido ameaçadas por novas ondas conservadoras associadas ao neopopulismo: Donald Trump, nos Estados Unidos; Vladimir Putin, na Rússia; Viktor Orbán, na Hungria; Recep Erdogan, na Turquia; Rodrigo Duterte, nas Filipinas; Narendra Modi, na Índia; Jair Bolsonaro, no Brasil. Em graus diferentes, em lugares muito distintos, eles representam a tentação autocrática, o ataque à democracia por dentro dela, o recurso a mil formas de deturpação das instituições, o avanço do poder impiedoso sobre a ideia norteadora de respeito ao ponto de vista dos outros.

Pode-se entender que as ameaças atuais às democracias sejam o derradeiro estertor do reacionarismo diante das mudanças comportamentais que caracterizam a hipermodernidade, aquilo que alguns classificam como “globalismo”: a desconstrução das velhas estruturas ocidentais baseadas na dominação do homem branco heterossexual. A velha ordem autoritária designava a cada um o seu lugar no mundo. Se, por um lado, sufocava a diversidade, por outro lado, com suas certezas permanentes, fornecia um modo de vida aparentemente seguro para quem a ele se submetia. Tudo o que era para ser eterno desabou em segundos. Afinal, o que são mesmo anos ou décadas na escala do universo?

Francis Fukuyama foi um mau profeta. O liberalismo patina. As democracias sofrem ameaças internas poderosas. Já não é preciso colocar tanques nas ruas para dar um golpe de Estado. Basta usar um dispositivo de nome impressionante: “lawfare”. Assim foi o “golpe” que tirou do poder Dilma Rousseff, no Brasil, em 2016. Esse é o golpe hiper-real, mais real do que o real, um pretexto “legal” para praticar uma “ilegalidade”, fixando cada elemento da institucionalidade aquém ou além da exatidão ou do controle da sua legalidade, pelo qual um regime presidencialista, como o brasileiro, passa a ser, num passe de “lei”, parlamentarista pelo tempo de um impeachment ou de um golpe. Fica no poder quem tem maioria no parlamento. O resto é jogo de cena para a mídia e para o seu público, os cidadãos tornados passivos.

O importante é convencer o “mercado”. O golpe de 2016 teve a sua “Carta ao mercado brasileiro”, o programa “Ponte para o Futuro”, que acenou com reformas ultraliberais para conquistar a adesão final do PIB. Dito isso, formas antigas de atropelamento da soberania não estão descartadas. Prova disso é a invasão da Ucrânia pela Rússia. Uma guerra típica da primeira metade do século XX em pleno século XXI.

### AGONIA DAS DEMOCRACIAS

Há livros que chegam para se impor já pelo título. Professores de Ciência Política da Universidade de Harvard, Daniel Ziblatt e Steven Levitsky lançaram em 2018 “Como as democracias morrem”, que logo se tornou best-seller, com traduções por toda parte. A obra é um tijolo jogado na vidraça dos que apresentavam a realidade política do século XXI como um mar tranquilo de eleições regulares, salvo em regiões do mundo onde as democracias nunca vicejaram. Os autores, com muita exemplificação, mostram que a história não acabou e está em ebulição. A guerra na Ucrânia poderia render um capítulo extra.

Há uma retórica da autocracia. Daniel Ziblatt e Steven Levitsky resumem a estratégia discursiva usada para justificar o autoritarismo: “Em quase todos os casos de colapso democrático que nós estudamos, autoritários potenciais – de Franco, Hitler, Mussolini na Europa entre-guerras a Marcos, Castro e Pinochet, durante a Guerra Fria, e Putin, Chávez e Erdogan mais recentemente – justificaram a sua consolidação de poder rotulando os oponentes como uma ameaça à sua existência”. Mudam as épocas e os instrumentos usados para jugular as democracias, mas as narrativas legitimadoras permanecem semelhantes.

Sem uma vontade de entendimento, o jogo democrático fica seriamente comprometido. Palavras de Ziblatt e Levitsky: “Este enredo cruel salienta a lição central deste livro: quando a democracia norte-americana funcionou, ela se baseou em duas normas que nós muitas vezes tomamos como naturais – tolerância mútua e reserva institucional. Tratar rivais como concorrentes legítimos e subutilizar prerrogativas institucionais próprias no espírito do jogo limpo são regras não escritas na Constituição dos Estados Unidos. Sem elas, contudo, nosso sistema de freios e contrapesos não vai operar como esperamos. Quando o pensador francês barão de Montesquieu elaborou a noção de separação dos poderes em sua obra de 1749, ‘O espírito das leis’, ele se preocupou pouco com o que hoje chamamos de norma”.

Montesquieu soa ingênuo numa época em que as “normas” podem ser usadas para jogar um poder contra os outros. Ele acreditava, segundo Ziblatt e Levitsky, “que a arquitetura inflexível das instituições políticas podia bastar para restringir o poder abusivo – que o projeto constitucional não era diferente de um problema de engenharia, um desafio de elaborar instituições de tal modo que tivessem capacidade de contrabalançar ou neutralizar ambições, mesmo diante da imperfeição de líderes políticos”. A “norma” agora pode ser o abuso. Não

---

AUTORITÁRIOS POTENCIAIS JUSTIFICARAM A SUA  
CONSOLIDAÇÃO DE PODER ROTULANDO OS Oponentes  
COMO UMA AMEAÇA À SUA EXISTÊNCIA

---

se trata mais, para os candidatos a autocrata, de temperar a relação entre os poderes com o molho da tolerância, do bom senso e da civilidade.

Se as democracias não morrem imediatamente, passam a agonizar, como pacientes aos quais se nega o tratamento mais adequado. Há uma série de artifícios usados por toda parte como modo de aumentar o sofrimento das democracias. Um desses artifícios é a desconfiança em relação à lisura das eleições. Semeia-se a ideia de que o resultado das urnas sofreu ou sofrerá alguma fraude, embora provas não sejam fornecidas. O caso mais famoso é o da eleição que levou Joe Biden, atual presidente dos Estados Unidos, ao poder. Donald Trump, candidato derrotado, nunca aceitou a decisão das urnas. Em consequência, na posição de presidente da nação, o que o comprometia ainda mais, estimulou a invasão do Capitólio, de desastrosos efeitos, onde se dava a confirmação do escolhido pela via do colégio eleitoral, de acordo com a regra vigente nos Estados Unidos da América. Foi mau jogador.

### DE QUE SE ALIMENTAM OS AUTOCRATAS?

O autocrata não vive de ar nem surge do nada. Ele é normalmente a criação de um ambiente, que ajuda a consolidar. Não é incorreto falar em ecologia da autocracia, um ecossistema, uma “ambientalidade”. O autocrata captura os primeiros sinais de inquietação e os transforma em combustível para a sua trajetória. Em alguns lugares, cada vez com maior dificuldade, consegue-se barrar a ascensão de um autocrata, caso da França, onde a união em segundo turno de esquerda e direita republicana tem impedido a extrema-direita, liderada por Marine Le Pen, de conquistar a presidência do país. Até quando isso acontecerá? Se Jean-Luc Mélenchon, representante de uma esquerda tida por radical, tivesse enfrentado Marine Le Pen, no segundo turno, a direita e o centro teriam lhe dado votos para bloquear a vitória do fascismo?

No Brasil, em 2018, centro e direita democrática preferiram, por antipetismo, na esteira da operação Lava Jato, apoiar Jair Bolsonaro, candidato de extrema-direita, conhecido por seus aplausos a torturadores e sua nostalgia da ditadura militar de 1964, em detrimento do moderado professor Fernando Haddad, sob alegação de que ele era um “poste de Lula”, ou seja, um “pau mandado”, um fantoche. Essa opção indica muito sobre o DNA da direita brasileira. Por aqui, de certo modo, até o centro é extremista. Há pouco, o DEM – que depois se transformaria em União Brasil, em fusão com o PSL,

que saiu do nada para o tudo, de um deputado para a maior bancada da Câmara dos Deputados como sigla alugada a Jair Bolsonaro – tentava se apresentar como “centro democrático”. Vale lembrar que o DEM já foi PFL, que já foi parte da ARENA, a sigla de sustentação da ditadura militar.

Os autocratas alimentam-se de ódio. Cabe-lhes explorar, ampliar e controlar o pior das sociedades: ressentimentos e preconceitos, machismo, racismo, antifeminismo, homofobia, anti-LGBTQIA+, tudo isso supostamente em defesa da família e dos bons costumes, que, quase sempre, traduzem-se em louvor à tradição, à família e à propriedade. Não se toma a tradição como pluralidade, tradições, mas como um mecanismo de congelamento de valores. Não se pensa em famílias, mas num modelo único de organização heterossexual, com, em geral, prevalência do masculino em posição de chefia. Não se concebe função social para a propriedade. Prevalece uma ideia de posse indistinta e intemporal.

É próprio do candidato a autocrata sugerir que um mundo de simplicidade e consistência está sendo destruído por modos de existência ilegítimos, não naturais e desagregadores. A modernidade derrubaria a tradição sem colocar nada de sólido

### COMO INSISTIA SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, EM “RAÍZES DO BRASIL”, UM DOS NOSSOS GRANDES CLÁSSICOS, “A DEMOCRACIA NO BRASIL FOI SEMPRE UM LAMENTÁVEL MAL-ENTENDIDO”

no seu lugar. Não é incomum que o fantasma do comunismo seja retomado para produzir medo na população e assim catalisar um sentimento conservador. Ainda no século XIX, vociferando contra qualquer tentativa abolicionista, inclusive contra a aprovação da Lei do Ventre Livre, o escritor e político José de Alencar bradava contra muitos perigos: “Tolerado semelhante fanatismo do progresso, nenhum princípio social fica isento de ser por ele atacado e mortalmente ferido. A mesma monarquia, senhor, pode ser varrida para o canto entre o cisco das ideias estreitas e obsoletas. A liberdade e a propriedade, essas duas fibras sociais, cairiam desde já em desprezo ante os sonhos do comunismo”.

Sousa Carvalho, outro protagonista dos confrontos da época, era ainda mais caricatural. Para ele, como mostrei em “Raízes do conservadorismo brasileiro: abolição na imprensa e no imaginário social” (Record, 2017), o Brasil tinha, em 1884, poucos escravos se comparado “aos muitos milhões que têm existido e ainda existem em várias partes do globo”. Segundo ele, bastava esperar o tempo passar para que a extinção da escravatura acontecesse “sem roubo da propriedade” nem atropelos. Ele afirmava também que os “poucos” escravos estavam acostumados com a vida que levavam e nada teriam a lucrar com a liberdade, que só lhes serviria para se entregarem “à ociosidade e a vícios que os tornarão infelizes”. Propostas como o projeto Dantas, na sua opinião inabalável, eram o “suplício da Constituição, uma falta de consciência e de escrúpulo, um verdadeiro roubo, a naturalização do comunismo, a ruína geral, a situação do Egito, a bancarrota do Estado, o suicídio da nação”. A escravidão, nesse ponto ele acertava o alvo, era o capitalismo ou um mecanismo usado pelo capitalismo para se darem as melhores condições de produção. O projeto da

Lei do Ventre Livre também foi rotulado de comunista por um deputado, Almeida Pereira, na desesperada tentativa de bloqueá-lo.

A citação acima serve para indicar que velhos espectros retornam sempre que necessário. Eles são como reservas de um time em pane de criatividade. Quando os maus resultados se sucedem, os velhos esquemas são ressuscitados para colocar ordem na casa. O espantoso é que costuma funcionar. A “massa”, termo pejorativo para definir um conjunto sem rosto de cidadãos, deixa-se, em parte, assustar pelo barulho do além e corre para o curral. Como insistia Sérgio Buarque de Holanda, em “Raízes do Brasil”, um dos nossos grandes clássicos, “a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido”. Frase de efeito à parte, a democracia tornou-se um mal-entendido em muitos lugares. Os autocratas em potencial exploram bolhas em redes sociais, espalham fake news de modo industrial e chegam ao poder pelo voto. Instalados no poder, passam a trabalhar para minar o sistema.

Salvar as democracias dos seus novos inimigos passa substancialmente pela defesa das regras do jogo. A forma conta tanto quanto o conteúdo. Só que isso já não basta. Passou a ser necessário também revalorizar o “espírito da democracia”, uma pedagogia do respeito ao pluralismo e ao “jogo limpo”. Pode até parecer ingenuidade falar nessa educação para o entendimento em tempos de polarizações, porém, todo jogo se faz com normas e com regras implícitas. A democracia está sendo vítima de uma derrota do “fair play”. Em outras palavras, está falhando o lento processo pelo qual se educa para a convivência entre oponentes políticos, não entre inimigos mortais. A agonia de uma democracia é um dos piores sofrimentos de uma nação

### SE AS DEMOCRACIAS NÃO MORREM IMEDIATAMENTE, PASSAM A AGONIZAR, COMO PACIENTES AOS QUAIS SE NEGA O TRATAMENTO MAIS ADEQUADO